

# Paisagem, Turismo e a Releitura do Lugar, por meio da produção social do espaço em Pelotas/RS

Sidney Daniel Batista<sup>1</sup>

Isabela Melo de Sousa<sup>2</sup>

Carolina Pereira Soares<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** Paisagem. Lugar. Pelotas. Geografia Cultural.

## 1. Introdução

A paisagem sempre constituiu um conceito chave na construção teórica e metodológica da geografia, sendo uma das categorias de análise mais tradicionais desta ciência. Segundo Claval (2002) as paisagens desempenharam um papel importante na Geografia, como um componente social que promove a interpretação do homem no lugar habitado e/ou vivido.

Acreditamos que o lugar é o espaço simbólico, vivenciado cotidianamente pelos indivíduos, que lhes atribuem seus sentidos existenciais, como memórias e sensações (PAIVA, 2023). Ou seja, o lugar é o “centro profundo da existência humana” (RELPH, 1976, pág. 43), compreendido ao ser experienciado por meio da fenomenologia e sua estrutura perceptiva. Concordamos com Holzer (1999, pág. 70) que reflete que a concepção de lugar para a Geografia se assemelha à noção de mundo para a fenomenologia, pois “ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros”. É nessa perspectiva que Milton Santos (2017) ressalta que o lugar é por onde a consciência do mundo é obtida, pois articula um sistema de relações que põe em diálogo dicotomias como o que permanece e o que é alterado.

Em nossa abordagem particular do tema, partimos do princípio de uma abordagem dupla do espaço: uma fenomenológica e outra linguística ou semiótica, ou seja, uma fenomenologia materialista, em que o espaço é, ao mesmo tempo, “percebido”, “concebido” e “vivido”,

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo. Universidade Federal de Pelotas. sidneydaniel13@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação. Universidade Federal de Minas Gerais. meloisabela02@gmail.com

<sup>3</sup> Bacharel em Jornalismo. Universidade Federal de Pelotas. carolinapsoares10@gmail.com

proposta por Henry Lefebvre (2002, 2001, 2013) com base na teoria da produção do espaço social.

Dessa maneira ao abordamos a paisagem urbana de Pelotas, destacamos que a paisagem expressa os antagonismos e contradições da sociedade que o produziu. Portanto, não se está falando de uma paisagem estática, pronta e vista unicamente como o resultado material da ação humana, transformadora da natureza, mas sim de elementos que compõem a paisagem (VIEIRA, 2007).

Buscamos dessa forma realizar um estudo interdisciplinar, qual almeja analisar e compreender a dinâmica existente entre turismo, o espaço, e a paisagem inseridos no município de Pelotas. Em que o Turismo é uma atividade que tem no espaço seu principal objeto de consumo e prática, em que a atividade turística consiste em uma atividade humana intencional que serve de interação entre o visitante e a comunidade receptora, ou seja, uma interação cultural e social.

O município de Pelotas/RS<sup>4</sup> localizado no Estado do Rio Grande do Sul, pois propicia um vasto campo de possibilidades de investigar diferentes aspectos da vida cotidiana devido ao seu desenvolvimento econômico, que se deu a partir da produção de charque, atividade a qual, até as primeiras décadas do século XX, constituía a principal fonte econômica de desenvolvimento da região.

Assim sendo, o município de Pelotas/RS possui políticas públicas de preservação patrimonial, assim sendo, optamos em realizar um estudo sobre o Plano Diretor através dos usos dos espaços patrimoniais das “Áreas Especiais de Interesse do Ambiente Cultural”, em que interpretamos a relação de convívio do morador com suas paisagens e o turismo, com intuito de perceber novas formas de interação e existência social no seu espaço de vivência, que pode ser visualizado como um componente social que promove a interpretação do homem no lugar habitado e, também, vivido.

Perante do contexto exposto, este trabalho sinaliza como meta o estudo específico das paisagens culturais de Pelotas e pretende dar resposta a seguinte questão: O [re]conhecimento dos espaços das Áreas Especiais de Interesse do Ambiente Cultural por moradores e turistas: Aproximações e Divergências.

---

<sup>4</sup> O nome do município, “Pelotas”, teve origem nas embarcações de varas de corticeira forradas de couro, usadas para a travessia dos rios na época das charqueadas. Charqueada é uma área rural onde se produz o charque, onde a carne salgada é exposta para o processo de desidratação.

## 2. Metodologia

As concepções teórico-conceituais que norteiam este trabalho partem de uma preocupação inicial em compreender a categoria de análise: espaço/lugar, paisagem, no âmbito da Geografia Cultural e em interlocução com as propostas de Lefebvre e Relph. Foram buscadas na literatura, particularmente, contribuições sobre os estudos da paisagem de autores como Cosgrove (2012), Relph (1976), Henry Lefebvre (2002, 2001, 2013), Vieira (2004, 2007).

Este trabalho correspondeu, a uma pesquisa exploratória baseada em fontes primárias e secundárias, que buscou descobrir formas de contribuição que sejam evidenciadas na prática. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Nesse sentido, Dencker (1998, p. 127) ressalta “a importância das técnicas de observação, uma vez que elas permitem o registro do comportamento no instante em que este ocorre”.

Em termos de método, utilizamos, mais especificamente, no trabalho, a abordagem proposta por Lefebvre, partindo do pressuposto de que a leitura da paisagem não se trata de uma leitura meramente contemplativa, mas antes, de uma leitura crítica, que permite uma análise aprofundada das relações sociais presentes no espaço geográfico.

Não se trata, portanto de uma observação desprovida de significados e sem nenhum embasamento prévio, mas sim de uma sistematização do olhar sobre a paisagem, que torna possível a análise dos elementos não percebidos pelos sentidos apenas, uma vez que se incorporam à observação os conhecimentos geográficos, históricos e culturais, sobretudo.

Ao optarmos em usar a proposta de Relph (1976), por meio da observação crítica e discricionária das categorias espaciais lugar e paisagem e suas respectivas imbricações na construção memorial e identitária na percepção de moradores. Buscamos compreender nos graus de interioridade que se expressam na experimentação dos sujeitos, os sentimentos, as qualidades de suas experiências, os simbolismos do lugar, de acordo com uma classificação do envolvimento e da expectativa que a pessoa sente.

O espaço existencial de Relph, na esfera do vivido, é uma íntima relação das estruturas concretas do mundo com as expressões subjetivas do indivíduo, que também permeia a intersubjetividade dos sujeitos do mesmo grupo cultural, que ocorre a socialização através das experiências, signos e símbolos. Conforme tabela análoga:

**Tabela 02:** Tipos de identificação de Interiorização humana com o lugar, segundo Relph (1976)

| <b>Tipo de Identificação</b>        | <b>Características</b>   |
|-------------------------------------|--|
| <b>Interioridade existencial</b>    | É o envolvimento mais profundo com o lugar. A pessoa se sente em casa, o lugar é experienciado irrefletidamente.                     |
| <b>Exterioridade existencial</b>    | A pessoa se sente fora do lugar. Não há envolvimento, o lugar dá a sensação de alienação, de estranheza.                             |
| <b>Exterioridade objetiva</b>       | Envolve um distanciamento deliberado. O lugar é como um objeto a ser estudado e pesquisa cientificamente.                            |
| <b>Exterioridade ocidental</b>      | Envolve a situação em que o lugar é apenas um pano de fundo, como quando a pessoa se encaminha a outro destino.                      |
| <b>Interioridade comportamental</b> | Quando se espera a ocorrência deliberada de um lugar, há um conjunto de elementos, vistas, marcos, que compõem um lugar novo.        |
| <b>Interioridade empática</b>       | Quando uma pessoa de fora mostra empatia com aquilo que o lugar registra como expressão dos que o criaram e nele vivem.              |
| <b>Interioridade secundária</b>     | Sensação de “segunda-mão”, de experiência indireta, a pessoa é transportada para o lugar via imagem, pintura, filme, mídia de massa. |

Fonte: adaptado de SEAMON, David. A singular impact: Edward Relph's Place and Placelessness. Environmental and Architectural Phenology Newsletter, vol.7, Nº3, outono 1996, p.5-8.

Portanto um lugar é um centro de ação e intenção, ele é o foco onde nós experimentamos os eventos significativos de nossa existência. Dessa forma, os diferentes tipos de espaços refletem a forma como o homem se relaciona com seu meio e permitem inferir que o meio constitui-se elemento importante, no que tange aos aspectos constituintes da representação e da percepção, ou seja, o significado de lugar mesmo que ancorado em atividades físicas, não é propriedade disso, mas sim das intenções e experiências humanas que as povoam, devemos compreender a tipologia da apropriação do lugar vivenciada pelo sujeito através dos graus de interioridade que se expressam em sua experimentação – neste caso – através de suas narrativas.

### 3. Resultados e Discussões

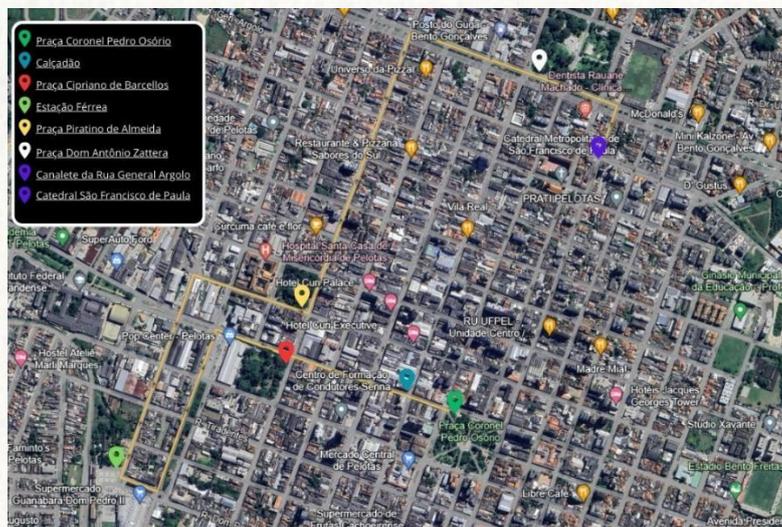
Considerando as necessidades específicas deste estudo, partimos para a coleta de informações sobre o lugar e a paisagem, com intuito identificar percepções dos sujeitos assim

sendo, utilizamos como ferramenta para o levantamento de dados a aplicação de um questionário com os pelotenses e os turistas que visitam o destino.

Dessa forma o percurso urbano, realizado nesta pesquisa precisou de uma preparação teórica e metodológica, capaz de propiciar aos seus realizadores um momento ímpar para a análise do espaço geográfico. Assim no momento da realização foi possível analisar as relações sociais que produzem o espaço geográfico. Nela estão presentes quase todas as relações sociais que, em cada época, produzem um espaço específico. Destacamos que o recorte escolhido nessa pesquisa é rico para uma leitura crítica, por intermédio da qual é possível decompor o presente, entender o passado e apontar para um futuro possível (VIEIRA, 2007). Assim sendo, um espaço social inclui não somente a materialidade concreta, mas um conceito pensado e sentido uma “experiência”.

Portanto na coleta de dados, abordamos a área de interesse da ZPPC - *Zona Portuária, Praça Coronel Pedro Osório, Calçadão, Praça Cipriano de Barcellos, Estação Férrea, Praça Piratinino de Almeida; Catedral São Francisco de Paula; Avenida Bento Gonçalves e Parque Dom Antônio Zattera; Canaleta da Rua General Argolo.*

Figura 1: Percurso Urbano



Fonte: Google Heart

Tais espaços possuem características da referência histórico-cultural de Pelotas, onde encontram-se os principais prédios históricos tombados, com unidades tipológicas de características formais ecléticas, consagradas e reconhecidas como patrimônio cultural do município. Apresenta tecido urbano diferenciando devido à implantação algumas ruas, possibilitando visuais interessantes de diversos pontos com a presença de densa massa arbórea.

Percebe-se dentro das Feics a preocupação com a retirada do terminal de ônibus, revitalização dos prédios para se tornarem centro cultural. Manutenção da passagem elevada para pedestres e ordenamento e padronização das atividades ambulantes existentes e da utilização dos passeios públicos. Para Lefebvre (1974), é na vida cotidiana que ganha sentido, forma e se constitui o conjunto de relações que faz do humano e de cada ser humano um todo. A vida cotidiana é, por excelência, o lugar de realização da vida com todas as suas contradições e conflitos, a cotidianidade é a totalidade da vida social vivida pelos indivíduos. É na vida cotidiana onde se realizam, simultaneamente, processos de exploração, expropriação, alienação, assim como, de apropriação do tempo e do espaço e onde ocorre e é superada a dominação.

O Mercado Público Central, localizado no centro histórico da cidade de Pelotas/RS que a partir da requalificação da área central de Pelotas, que contou com recursos do Programa Monumenta, do IPHAN. É o principal ponto turístico, cultural e de entretenimento de Pelotas. É notório o fato de que houve um processo de higienização nos arredores do Mercado Público, excluindo do local as chamadas classes perigosas (frequentadores de bares, de baixa renda, que consumiam bebidas como a “cachaça”, as prostitutas, os moradores de rua, mendigos e outros). Essa higienização é correlata ao enobrecimento da área central da cidade, o que demonstra indícios de gentrificação no local.

Em nossa análise destacamos que os habitantes dos espaços urbanos possuem sistemas de significações a partir do percebido e do vivido, pelo fato do seu habitar desejado, destacados na teoria de Henri Lefebvre. Nesta perspectiva que abarca moradores e visitantes, evidencia-se uma maior possibilidade de vulnerabilidade cultural dos moradores locais, incluindo seu patrimônio cultural e modo de vida. O estudo aponta para a necessidade de inserir os moradores no processo de valorização do patrimônio a fim de conciliar os usos sociais e turísticos, possibilitando, assim, a sustentabilidade na relação turismo e patrimônio.

Por fim deve-se buscar a valorização da cultura local, convergindo com a busca do turista por novas vivências por almejar contribuir no desenvolvimento destas localidades. Reafirmamos que a inserção planejada do turismo em um lugar que possui aptidão e o anseio de desenvolver tal atividade, deve ser realizada sempre de maneira participativa, buscando mitigar os possíveis impactos negativos, além de reforçar e resgatar a identidade local.

#### **4. Considerações Finais**

Portanto a pesquisa alcançou êxito frente às metas almejadas, os questionários foram de fácil aplicabilidade e entendimento para com os entrevistados. Através dos dados colhidos,

destaca-se que o centro histórico de Pelotas, é utilizando tanto por funções habitacional, administrativas, financeiras, cívicas, comercial e de serviços, além das funções turísticas e de lazer. Com isso, os novos usos e as novas funções dados ao patrimônio, muitas vezes não são compatíveis com a cidade, assim sendo a gestão e preservação do patrimônio, vem alterando a vida cotidiana da população local.

Diagnosticamos que é no espaço a chave para a compreensão da (re)produção do homem em sociedade, e em decorrência do poder que a representação deste possui para transformar e substituir a realidade vivida e percebida, então o espaço vivido poderá ser um meio de engajamento do homem na ação transformadora. É no espaço que se dá a reprodução das relações sociais que inclui a divisão hierárquica do trabalho e das funções sociais. Dessa forma foi possível perceber um significado social para a comunidade, com potencial de readequação de usos. Se tornando um local de preservação das características urbanas existentes com geração de condições de conforto e permanência para as pessoas incentivando as práticas sociais.

### Referências

CLAVAL, P. **“A volta do cultural” na Geografia.** Mercator - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza: UFC, 2002.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte:** cultura e simbolismo nas paisagens humanas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** 5.ed. São Paulo: Futura 1998.

HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista.** In: Revista Território. Ano IV nº 7 (jul/dez.1999). Rio de Janeiro: UFRJ/LAGET, 1999, p.67-78.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar:** a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 231f. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte; Editora UFMG, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia:** contribución a la teoría de las representaciones. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio.** Madrid: Capitán Swing, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Ediuoro, 2016.

Paiva, Raquel Cunha. **Lugar e geografia:** geografias atravessadas no mundo vivido de Tibau (RN) / Raquel Cunha Paiva. – 2023.

RELPH, Edward **Place and placelessness.** London: Pion. 1980.p. 43-51

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

VIEIRA, S. G.. Paisagem e memória: as diferentes temporalidades do presente. In: Lorena Almeida Gill; Beatriz Ana Loner; Mário Osório Magalhães. (Org.). Horizontes urbanos. Pelotas: Armazém Literário, 2004, p. 139-162.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Leitura Crítica da Paisagem:** A Geografia e a Leitura do Mundo. I Fórum de Ensino em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 15 de dezembro de 2007.